



Para Freres, sinais são favoráveis agora a Lula

Diretor do Indexa: “Há um sinal de crescimento de Lula”

Na semana passada, o diretor do Instituto Indexa, Arílton Freres, que faz pesquisas para o Estadão/Broadcast, dizia sobre a corrida eleitoral que a possibilidade de uma virada de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, que tenta a reeleição, sobre Flávio Bolsonaro (PL), seu adversário que terminou o primeiro turno em primeiro, era “possível” mas “improvável”. Avaliando, porém, a evolução esta semana a partir da pesquisa que fez e das demais divulgadas, Arílton muda seu prognóstico. “Não dá mais para dizer que é improvável. Há agora, de fato, um sinal de crescimento de Lula”, diz o diretor do Indexa. É um sinal, porém, ele alerta, modesto. “Sempre disse que essa seria uma eleição muito disputada e definida no detalhe”, pondera. “Mas os movimentos agora de fato apontam para uma tendência favorável a Lula na corrida eleitoral”. Tudo agora, diz ele, irá depender dos erros e acertos das campanhas.

Números dão os sinais

Os números das pesquisas, de fato, dão os sinais. Flávio Bolsonaro chegou ao segundo turno com uma vantagem de 1,8 ponto percentual. Nas primeiras pesquisas divulgadas após o resultado, chegou a abrir cinco pontos de vantagem em alguns levantamentos. Essa vantagem foi se reduzindo. Na Indexa, divulgada na quinta-feira (15), a vantagem de Flávio era de dois pontos: 51% a 49%. Mesmo resultado do Datafolha. Pesquisa PoderData na sexta já apontou rigoroso empate entre os dois: 50% a 50%.



Há muito, esquerda não fazia atos tão expressivos

Flávio cometeu erros. Lula acordou

Em conversas anteriores, Arílton Freres já observara a sensação de que Flávio Bolsonaro tinha calçado um salto alto depois do primeiro turno que poderia prejudicá-lo. Alguns dos seus aliados já davam a eleição como favas contadas. Algo parecido com o que fez Lula e parte da sua militância imaginando que venceria no primeiro turno. Agora, avalia o diretor do Indexa, observa-se esse e outros erros de Flávio. Em contrapartida, Lula e o PT parecem ter acordado da sua letargia. “As manifestações de rua foram impressionantes”.

Movimentos erráticos

Para Arílton Freres, alguns “movimentos erráticos” de Flávio teriam contribuído para o crescimento de Lula. O maior deles o posicionamento sobre o fim da escala 6x1: primeiro contrário, depois votando a favor e depois sinalizando que poderia derrubar a PEC caso fosse eleito. As pesquisas mostram amplo apoio da sociedade ao fim dessa escala de trabalho. Na média, a aprovação sempre foi em torno de 70%.

Migra para nulo

Arílton Freres aponta, porém, para um fator importante na última pesquisa do Datafolha. Flávio teve, no levantamento, uma queda nas suas intenções de voto. Mas Lula não subiu. Os votos perdidos por Flávio tornaram-se em branco ou nulos. Como o Indexa não tinha feito outra pesquisa no segundo turno não tem o mesmo dado.

Alerta para Lula

“Esse dado é um alerta importante para Lula”, observa o diretor do Indexa. Ele lembra que Flávio experimentou antes do primeiro turno um movimento de queda semelhante, que foi também para nulo. “Depois, esses votos votaram para ele”, analisa. “Esse é um risco para Lula, que vai precisar ser observado nesta última semana”, diz.

Redes sociais

Além dos atos nas ruas – há muito tempo não se viam manifestações tão grandes feitas pela esquerda –, Arílton Freres observa o forte crescimento nas redes sociais. “Houve um aumento expressivo da presença nas redes, retirando o domínio que se via antes somente da direita”, diz o diretor do Indexa. Há uma associação entre redes e ruas.

Jovens

Os atos nas ruas foram principalmente organizados a partir de estudantes e fadons. A pesquisa Indexa e também a Datafolha mostra que houve uma inversão no apoio entre os mais jovens. Segundo o Datafolha, Lula tem agora 50% dos eleitores entre 16 e 24 anos, contra 43% de Flávio. Na Indexa, Lula ficou com 53,5% e Flávio com 31%.

Detalhe

Assim, Arílton Freres volta a dizer o que tem dito desde o primeiro turno: será uma eleição definida “por um detalhe” a favor de um ou outro candidato. No primeiro turno, ele observou, e registramos no Correio Político, o movimento de voto útil que saiu dos demais candidatos do campo conservador para Flávio Bolsonaro.

Para onde sopra o vento

Agora, será preciso ver que “detalhe” irá surgir nesses dias finais da corrida eleitoral. Para Arílton Freres, Lula entrou na última semana de campanha com o vento a seu favor. Mas em uma disputa acirradíssima, empatada. Para onde soprará o vento no domingo, se muda ou não de direção, ninguém com prudência arrisca de fato dizer.



PEC que põe fim à escala 6x1 foi promulgada na sexta-feira

Fim da 6x1 causa impactos, mas prejuízos podem não ser evitados

Especialistas avaliam no Correio da Manhã as consequências da mudança

Por **Gabriela Gallo**

Foi promulgada a Emenda Constitucional (EC) nº 141, que acaba com a jornada de trabalho na escala de seis dias de trabalho para somente um dia de descanso (6X1). A partir de agora, trabalhadores contratados em regime de carteira assinada passam a obrigatoriamente ter dois dias de folga na semana, com a a jornada semanal de trabalho reduzida de 44 horas para 40 horas semanais, sem redução salarial. Esta é a primeira mudança referente ao período de horas trabalhadas para empregados contemplados pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) desde a promulgação da Constituição Federal, em 1988.

A transição das novas regras ocorrerá em dois estágios, de maneira gradual, ao longo de catorze meses. No primeiro estágio, após 60 dias da data de promulgação, a jornada de trabalho terá que ser reduzida de 44 horas para 42 horas semanais e já devem ser ofertados dois dias de descanso, preferencialmente com um dos dias sendo aos domingos. Considerando que as mudanças foram promulgadas no dia 16 de outubro, a partir do dia 16 de dezembro os trabalha-

dores já precisam estar na escala de trabalho 5X2.

Já a segunda etapa do período de transição começa a ser contada a partir do dia seguinte à implementação dessas mudanças. Ou seja, a partir do dia 17 de dezembro, empresários terão doze meses para organizarem suas equipes e funcionários, já na escala 5X2, e ao final desse prazo instalar a jornada de trabalho em 40 horas semanais para funcionários de carteira assinada.

O mestre em Direito, especialista em legislação internacional e professor da Estácio Brasília Armino Madoz ponderou que o risco de precarização das contratações trabalhistas deve ser considerado. Contudo, isso não pode ser tratado como uma consequência inevitável da ampliação do descanso para o trabalhador.

A reportagem ainda conversou com a advogada trabalhista Maria Inês Vasconcelos. Ela destacou que o risco de informalidade nas empresas deve ser considerado em “setores com margens reduzidas e necessidade de funcionamento contínuo”, como indústria, transporte e logística. “A transição precisa ser acompanhada de planejamento e negociação coletiva”.